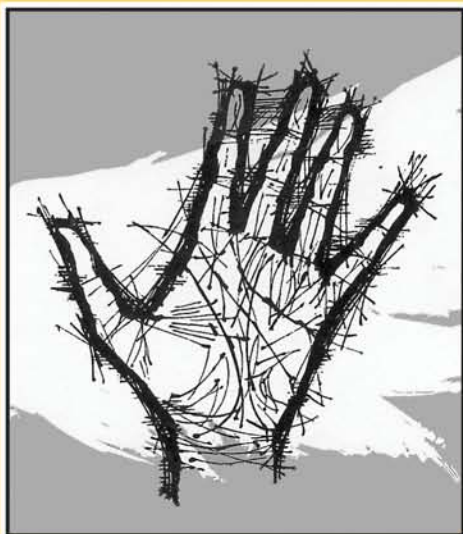


Obras de
DOMINGOS MONTEIRO

CONTOS E NOVELAS

Vol. V

O DESTINO E A AVENTURA
LETÍCIA E O LOBO JÚPITER
O SOBREIRO DOS ENFORCADOS



IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

O CANTEIRO DE ESTREMOZ

— Quando se pensa que está tudo previsto neste mundo, comete-se o maior erro de julgamento que se pode praticar. Por mais aparelhos que se inventem, por mais contas que se façam e por melhores e mais bem organizados que sejam os dados estatísticos, fica sempre uma margem de imprevisto e de acaso que destrói todos os cálculos. A verdade é que quando saio de casa, com destino certo, nunca sei bem onde vou parar: se ao hospital, se à cadeia, se aos braços macios e inesperados de uma mulher... E não é que eu seja um aventureiro. Muito pelo contrário. Tudo em mim é previsto e regulado. Planeio sempre, calculadamente, o que vou fazer, faço todas as previsões e, na verdade, tudo acontece na maior parte das vezes como eu supunha que iria acontecer. Mas isto não anula, de forma alguma, o mistério que plana sobre a vida. E é nessa altura que a monotonia se rompe — a monotonia que confere segurança à natureza humana, mas que, na verdade, a diminui e vulgariza.

Diogo Tavares calou-se à espera que o contradissem. Todos o conhecíamos ou pensávamos conhecê-lo. E todos o apreciávamos na medida em que o egoísmo exacerbado pelas preocupações quotidianas nos permitia apreciar alguém. Era inteligente e corajoso, mas com qualquer coisa de desconcertante que não nos consentia entrar na sua verdadeira intimidade. Dele sabíamos o que contava de si próprio, na realidade muito pouco para se conhecer bem uma pessoa.

Como ninguém levantasse a «deixa», Diogo Tavares prosseguiu:

— Quase toda a gente imagina (menos eu) que a vida não organiza histórias e que é necessário o engenho e o talento de um escritor para estabelecer uma relação lógica entre os acontecimentos que, no fundo, nada têm que ver uns com os outros. Como sabem, não sou escritor nem pretendo sê-lo. Formei-me, por acaso, em Letras — o que me deu um certo gosto por elas —, mas desde logo me apercebi que o meu destino não era esse, mas o de andar pelos caminhos do mundo como era tradicional na minha família. Meu bisavô foi almocreve. Meu avô — pai de meu pai —, que ainda conheci porque morreu quando eu tinha doze anos, era feirante. E meu pai, esse mais sedentário, e mais instruído, fixou-se à terra e dela tirou todo o proveito que alguém pode tirar se conhecer, como ele conhecia, as suas escassas mas permanentes virtualidades. Tornou-se assim um grande proprietário, o que, vamos lá, lhe permitiu, como ele ambicionava, em pura perda, ter um filho doutor. Mas nem por isso deixou de seguir o feitiço ambulatório da família. De vez em quando, sem dar qualquer explicação e sem dizer para onde ia, fazia a mala e ia viajar. «Devo voltar entre o dia tal e o dia tal. Se eu não vier», dizia ele à minha mãe, que ficava transida, «lê a carta que está no cofre e procede em conformidade.» Minha mãe supunha, com desespero e consolação (porque preferia que ele estivesse acompanhado do que só), que ele tinha outra mulher. Por mim, penso que não e que apenas pretendia evadir-se da monotonia vegetal e familiar da sua vida quotidiana. Foi assim até ao final e morreu descansadamente na sua cama, junto da mulher e do filho, sem que nunca tivesse sido aberta a carta lacrada que ainda hoje se conserva no mesmo cofre como um documento sagrado. Eu, na verdade, sou o que penso que sou, o que os outros pensam que sou e o que realmente sou... A minha formatura abria-me vários caminhos, mas nunca me utilizei deles. Odiei sempre as formas burocráticas da vida e preferi conservar-me lavrador e fazer-me industrial de madeiras, sem contudo esquecer que a vida real está mais no que os escritores contam nos seus livros

do que naquela que pensamos viver. Isso me deu a margem de sonho suficiente para não apodrecer de tédio. E, parecendo que não, sigo o destino tradicional da minha família — o de percorrer, todas as vezes que posso, os caminhos do mundo, apenas com uma diferença: meu bisavô andava a pé levando pela arreata um macho carregado de alforges; meu avô, de diligência; meu pai, de comboio, e eu de automóvel e de avião. Meu bisavô contava histórias de lobos que lhe saíam ao caminho, meu avô falava de ladrões que assaltavam as diligências, meu pai, de poucas palavras, tinha no seu activo um grande descarrilamento; quanto a mim, apenas posso assegurar, por experiência própria e vivida, que por mais coisas que os homens descubram — e têm descoberto muitas — um grande e insondável mistério envolve a existência humana.

Diogo Tavares calou-se. Estávamos todos — meia dúzia de amigos e conhecidos — em casa de um amigo comum. Tínhamos vindo de uma «ferra» e de um almoço ao ar livre e fatigados, embora interessados, nenhum de nós se atrevia a incitá-lo a comprovar o seu asserto.

— Tenho pena — disse o dono da casa — que tu não escrevas. Algumas das tuas histórias eram dignas de ser registadas. Mas há uma, aquela que tu nunca contaste mas a que te tens referido com uma certa emoção, que eu, que nós todos gostávamos de ouvir... Lembro-me que chegaste aqui no dia seguinte verdadeiramente impressionado. Contudo, por mais esforços que eu fizesse, não te arranquei uma palavra. Hoje, porém, que estás *descontraído* e que já se passou algum tempo sobre isso, talvez fosse a ocasião...

Diogo Tavares olhou-nos fixamente um por um. Parecia querer avaliar se, de entre nós, haveria algum que, por qualquer motivo, não fosse digno das suas confidências. O exame resultou favorável e de repente os seus olhos, de um azul quase mortiço, adquiriram o brilho intenso e quase hipnótico dos momentos de exaltação.

— Antero — disse ele, dirigindo-se ao dono da casa. — Tens razão e vou fazer-te a vontade. Faço-o, porém, mais por mim do que por ti. Ninguém pode guardar verdadeiramente um segredo e aí daquele que se não liberta dos seus fantasmas.

Esta história anda a sacolejar dentro de mim como aquela peça que se desprendeu num navio de guerra no tempo de Napoleão e que aos poucos foi destruindo o barco todo, como refere Vítor Hugo num dos seus romances. E certas concepções que eu tinha sobre a morte e a vida e sobre o destino dos homens já foram atingidas por ela. Tudo acabou bem, mas a intensidade dramática daquele momento nunca mais se desvaneceu. Todos nós — creio — já estivemos em presença da morte, por via de um acidente, ou de uma doença grave ou de uma circunstância qualquer. A vida é sempre um milagre em face da agressão das forças naturais e admiro-me, muitas vezes, como há gente viva neste mundo e, ao que parece, segundo as estatísticas, cada vez mais.

»Mas o que se passou comigo foi diferente: a sensação que tive nesse momento — sensação terrível e eufórica ao mesmo tempo — foi a de que a fronteira entre a vida e a morte se tinha desvanecido completamente e que tudo dependia de um gesto meu, de uma atitude, de uma palavra, em suma: exclusivamente de mim. Estou convencido de que nunca o destino de um homem se identificou com ele como o meu destino se identificou comigo naqueles cinco minutos que valeram por um século de existência. E não só o meu destino, mas até o destino do outro, do outro que só poderia salvar-se se eu me salvasse também.

Senti um arrepio, como todos os que o ouviam, e de repente aquela sensação a que ele se referia apossou-se de todos. Houve um momento de silêncio e, quando recomeçou a falar, a voz de Diogo retomou o tom normal e o brilho dos olhos desapareceu como se fosse referir ou narrar qualquer ocorrência que lhe fosse completamente alheia.

— Deves lembrar-te que aqui há cerca de dois anos houve um grande temporal perto da fronteira e que a intensidade do vento foi tanta que arrancou pela raiz aqueles magníficos eucaliptos que todos nós conhecíamos — talvez os mais belos exemplares que existiam em Portugal — que ladeavam a estrada próximo de Elvas. Tive pena quando li a notícia e alguns meses depois soube por um anúncio que a Câmara estava disposta a vender a madeira das árvores derrubadas a

quem apresentasse a melhor proposta. Era uma ocasião que não queria perder e, no dia seguinte, dirigi-me para lá disposto a cobrir qualquer oferta. A quantia que ofereci foi de tal maneira elevada que os outros pretendentes abandonaram a partida pensando que eu não regulava bem. A verdade, porém, é que quem tinha razão era eu e que aquilo que lhes parecia um disparate resultou num excelente negócio. Mas adiante. Saí da cidade satisfeito comigo num entardecer chuvoso de Novembro. A minha intenção era ir ficar a Estremoz. Como a visibilidade era fraca e a estrada estava escorregadia, seguia a pouca velocidade e já era noite cerrada quando cheguei a uma dessas pequenas terras que a ladeiam. Seriam talvez umas sete horas da tarde e, como me sentia um pouco fatigado e estava a uns trinta quilómetros de Estremoz, parei junto de um café para descansar e tomar um aperitivo. Dentro de pouco mais de meia hora chegaria ao meu destino e não havia nada que me apressasse nem ninguém a esperar por mim. Estive lá cerca de um quarto de hora e quando saí reparei num homem encostado ao umbral da porta que me fixava como se me quisesse falar ou pedir alguma coisa. Olhei também para ele. Era um rapaz alto, de cabelo revoltado, de feições finas e regulares, vestido com um fato modesto e remendado. Mas o que me impressionou desde logo foi o olhar terrivelmente angustiado, como o de uma pessoa que, sob o impulso de um drama interior, está à beira de praticar qualquer desatino. E sem saber porquê, senti que podia fazer qualquer coisa por ele. Mais: que devia fazer alguma coisa por ele. Fixei-o novamente com simpatia porque percebi que me queria pedir um favor (que eu não sabia qual fosse), o que só a sua timidez natural, agravada pelo seu estado de espírito, o impedia de fazer.

»Ele ensaiou dirigir-me a palavra, mas não o consegui e eu resolvi tomar a iniciativa:

«Que deseja?», inquiri.

«Aquele carro é seu?», perguntou por sua vez.

«É», respondi.

«Passa por Estremoz?»

«Não só passo como vou para lá.»

«Era...», e aqui hesitou um momento, «era capaz de me levar? Eu moro lá.»

»Por razões várias, não gosto de dar boleias e muito menos de noite. Nem aconselho a ninguém que o faça. Mas naquele momento nem sequer pensei nisso.

«Com certeza.» E acrescentei para o pôr à vontade: «Tenho até muito gosto.»

»Abri a porta do carro e ele sentou-se ao meu lado, encolhendo-se o mais possível.

«Ponha para baixo essa alavanca da porta. É o fecho de segurança», disse-lhe eu.

»A chuva cessara e fora substituída por um nevoeiro espesso que diminuía ainda mais a visibilidade. Durante dez quilómetros não trocámos uma palavra. Mas de repente tive a nítida percepção de que o melhor que poderia fazer por ele era obrigá-lo a falar.

»No tom mais cordial, perguntei:

«Vive em Estremoz? É mesmo de lá?»

«Sou de lá, sim. Ou antes, fui...» E tremulamente acrescentou: «Hoje já não sei bem de onde sou.» E depois de um silêncio embaraçado murmurou: «Desculpe...»

»Apesar da estranheza da resposta, não me dei por achado. E com uma voz natural retorqui:

«Não tem de que se desculpar porque ninguém sabe bem ao certo de onde é... Eu também não sei.»

»Sentia-me contente comigo mesmo por ter adivinhado que havia ali um mistério a decifrar. Mas não só por isso: por ter compreendido que podia fazer alguma coisa por ele. E não é que eu seja um profissional da consolação. Egoísta como todos os homens e céptico quanto aos benefícios da nossa intervenção na vida dos outros, a maior parte das desgraças alheias deixa-me indiferente. Momentos há, porém, em que uma voz interior me diz que tenho de intervir. É uma espécie de imposição de consciência a que não posso deixar de obedecer. Todos nós temos de reparar o mal que fazemos com um sacrifício qualquer. E todos nós fazemos mal mesmo sem dar por isso. Aquele era um momento desses. Andámos mais alguns quilómetros em silêncio, mas eu não queria que ele se

prolongasse, porque o silêncio é, em certas ocasiões, uma arma terrível e a pior das ofensas. A curiosidade, quando é exercida com desinteresse, também pode sê-lo. Não era porém o caso.

»Com um ar interessado, inquiri:

«O que é que faz? Quer dizer: qual é a sua profissão, isto é, em que trabalha?»

«Sou canteiro, sou canteiro de mármore... Sabe o que é?»

«Julgo que sim...»

«O senhor desculpe mas talvez não saiba. Deve ter a ideia que todos têm: a do homem que talha a pedra para a transformar em blocos regulares. Mas um canteiro não é isso: é um homem que a afeiçoa, que a amolece e abranda com as próprias mãos e que faz surgir a alma oculta que ela tem lá dentro...»

«Mas isso é um artista, uma espécie de escultor...»

»Diminuí mais o andamento do carro e olhei-o de soslaio. Chegara a minha vez de me espantar. A linguagem dele, o brilho dos seus olhos e o tremor das mãos que eu adivinhava, mais do que via, na escuridão quase cerrada, fizeram-me estremeecer. Uma ávida vontade de saber o que se passava naquela alma tomou-me inteiramente. Mas não foi preciso interrogar. Eu conseguira, afinal, abrir a porta que dá para o caminho das confidências.

«Sim», continuou ele, «sou um canteiro, uma espécie de artista como o senhor diz. Faço presépios e trago para a luz do dia as imagens que estão na escuridão.» Calou-se brusca-mente e depois, erguendo a voz, acrescentou:

«Estou a mentir. Eu já não sou canteiro, nem artista. Fui — o que é diferente... Há mais de um ano que não trabalho.»

«E porquê?»

»A pergunta ficou sem resposta e eu insisti:

«Porquê? Diga... Não arranja trabalho?»

«Não, não é isso. Trabalho não me faltaria se eu quisesse, ou melhor, se eu pudesse... Mas a verdade é que não posso...»

»Estávamos próximos de Estremoz e eu sabia que tinha de aproveitar todos os momentos. Diminuí ainda mais a velo-

cidade do carro, metendo-lhe uma *segunda*, e numa voz ao mesmo tempo enérgica e doce insisti:

«Não pode, porquê? Não se sente com força para isso? Está doente?»

«Não é bem isso... Força tenho. E se estou doente, não é do corpo. É de uma coisa que eu não sei o que é. Ou melhor, que sei o que é mas que não posso sequer confessar a mim mesmo.»

«Não percebo», contestei.

«Ninguém percebe», concordou tristemente. «É que há mais de um ano que não durmo. E quem não dorme não pode trabalhar.»

«Mas ele há médicos para isso. Porque não vai a um médico?»

«Sei que há.» E como quem vence uma terrível resistência interior, acrescentou: «É que, se eu não durmo, não é porque não tenha sono, é porque não quero dormir. Percebe agora?»

«Tínhamos chegado ao arco que atravessa a muralha e dá entrada para a cidade. Estávamos agora no largo e eu senti que as luzes que incidiam sobre nós iam desfazer o sortilégio.

»Com uma voz que me esforcei por tornar natural, perguntei:

«Onde é que mora?»

«Moro longe ainda. Tem de se sair novamente da cidade, pela estrada que circunda a muralha e entrar outra vez nela. Não quero incomodá-lo mais. Já me fez um grande favor. Deixe-me no fim da praça. Depois vou a pé. São só dois quilómetros.»

«Não senhor», ripostei autoritariamente. «Vou levá-lo mesmo a sua casa. Basta que me indique o caminho.»

«Como queira...»

»Atravessámos a pequena cidade amuralhada cheia de recordações do passado, onde o tempo parece que estagnou e onde, naquele começo de noite chuvosa, não se via vivalma.

«Agora é para a esquerda», murmurou ele.

»De repente, as casas terminaram e entrámos numa estrada escura como quem mergulha definitivamente no cora-

ção da noite. A sombra do mistério planava sobre nós e senti que a distância que me separava daquele homem ia diminuindo ao ponto de o nosso destino se identificar como se fôssemos um só. Sensação estranha essa, que participava ao mesmo tempo de uma espécie de temor cósmico e de uma euforia transcendente.

»Pensei absurdamente que dependíamos inteiramente um do outro e que era necessário fazer alguma coisa para vencermos o perigo comum que nos ameaçava aos dois.

«A sua casa é muito longe?»

«Daqui a uns centos de metros, há uma rua à esquerda. É a quinta casa à direita. Pode deixar-me no cruzamento.»

»A estrada alargara-se numa espécie de pequeno miradouro e eu encostei o carro e parei.

«Ainda não é aqui», murmurou.

«Eu sei, mas preciso — para bem de ambos — de saber uma coisa.»

»Senti-o estremecer:

«O quê?»

«Disse-me há pouco que não podia dormir, ou antes, que não queria dormir...» E implacavelmente acrescentei: «Porquê?»

»Sem esperar a resposta, prossegui:

«Há quanto tempo é que não quer dormir?»

«Há perto de um ano... Desde que vim de África.»

«De África?...»

«Sim, de Angola. Estive dois anos na guerra, a cumprir o serviço militar.»

«E que tem isso? Não vejo a relação... Têm lá estado tantos e continuam a dormir sossegadamente.»

«O meu caso é diferente. É que a esses não lhes sucedeu o que me sucedeu a mim. Eles podem dormir que ninguém os estorva... Eu não. Se por acaso não resisto ao sono, *ele* aparece logo. E eu prefiro tudo a vê-lo. É pior do que a morte.»

«Ele quem?»

«Ele...» E com um esforço enorme, acrescentou: «Ele... O homem que eu matei...»

«Quem vai a uma guerra — embora a guerra seja sempre uma situação monstruosa — é para matar ou morrer. É o que há de mais natural.»

«É... Mas há matar e matar. Matar em combate, matar em legítima defesa, é uma coisa. É um acto que se pratica sem ódio... Mas matar com rancor, matar pelas nossas próprias mãos como eu fiz, é outra muito diferente... E ele nunca me perdoou. Por isso me aparece quando adormeço e diz sempre as mesmas palavras... E eu não quero ouvi-las.» Levantando a voz, exaltadamente, repetiu: «Não quero ouvi-las, percebe?»

»Ficámos ambos em silêncio e de repente ordenei numa voz que não admitia réplica:

«Conte o que se passou.»

«Contar o que se passou? Para quê? Que lucro eu em contar-lhe ou que lucra o senhor em ouvir?»

«Tudo. Contando, o senhor desabafa e liberta-se. E eu ouvindo-o posso fazer-lhe bem, o que para quem, como eu, tem tantos pecados na consciência é também um benefício.»

»E ao dizer isto era sincero porque sentia que era minha obrigação, depois de ter provocado uma situação daquelas, levá-la até ao fim. Além disso havia uma terrível curiosidade que eu procurava satisfazer.

«Ouça», continuei, sentindo a sua resistência enfraquecer e procurando dar às minhas palavras um tom persuasivo, «o senhor já ouviu falar na confissão?»

«Já, como toda a gente... Quando era pequeno confessava-me. Mas depois deixei-me disso.»

«E se calhar está convencido que a confissão foi criada para os padres penetrarem nas vidas alheias, saberem os segredos dos outros homens e assim poderem dominá-los... A verdade é que algumas vezes — muitas vezes talvez — a razão próxima seja essa. Mas não é a razão principal, nem aquela que lhe deu origem. A confissão serve para libertar a consciência dos homens e para lhes incutir a convicção de que todos os actos, por piores que sejam, podem ser esquecidos e perdoados... Há um momento em que todos os homens precisam de se confessar. O seu momento chegou. E não é

Vem a propósito dizer que, ao contrário do que muita gente pensa, o reino vegetal não é um reino pacífico e tranquilo. Há entre as plantas, como entre os homens, associações e repulsões que assumem por vezes uma forma violenta. Para quem, como eu, percorreu as florestas tropicais, isso é um fenómeno natural. Certas plantas trepadeiras, como alguns cipós, estrangulam árvores que têm cem vezes o seu tamanho e matam-nas por asfixia. Essas, por seu turno, defendem-se com as suas raízes profundas, tentando impedir o seu crescimento. E para não irmos tão longe e, limitando-nos ao nosso país, todos os camponeses sabem que a grama e o escalracho com as suas poderosas, profundas e tentaculares raízes aniquilam as vinhas.

*Quanto às plantas carnívoras, é certo que se não comem homens, como dizia a Baninha, se alimentam de pequenos animais, atraindo-os pela solicitação perfumada das suas flores para esse efeito. E também em Portugal existem, pelo menos, duas espécies, que têm o nome rebarbativo de *Drosophilum lusitanicum* e *Pinguicola lusitanica*. Estas plantas utilizam também para atrair os animais uma espécie de mucilagem e os movimentos do limbo que se dobra.*

Mas passemos adiante e àquilo que é realmente essencial, que é o problema da verdade.

Alguns dos meus leitores acreditarão neste livro. A grande maioria, contudo, pôr-lhe-á restrições e possivelmente — embora apreciando-o como tal — tomá-lo-á como um produto da imaginação e da fantasia do seu autor. É a esses que particularmente me dirijo, dado que o reputo um dos mais autênticos e verdadeiros que até agora escrevi.

Não vou aqui bordar extensas considerações sobre o problema da verdade, que é assunto que principalmente pertence aos filósofos, visto que para eles a verdade, que ansiosamente buscam, é o fim essencial da Filosofia. Entretanto devo dizer que a verdade não é só aquilo de que nos apercebemos, pelos nossos sentidos e pela nossa inteligência, mas também o que poderia ter acontecido e possa vir a acontecer e está fora das nossas percepções e do nosso alcance.

Vem a propósito afirmar que tudo o que se conta neste livro é essencialmente verdadeiro. Esta obra diz respeito às ín-

— Não, não admito — respondi. — Para mim, que sei que as árvores sentem, sofrem e amam, é um facto perfeitamente natural.

— Obrigado — disse-me ele a despropósito. — Obrigado pelas suas palavras. Depois disto não acha que posso morrer descansado?

— Não — respondi eu. — O que acho é que pode viver feliz.

timas relações entre os homens e as plantas, particularmente as árvores.

No que se refere ao prefácio, tanto quanto a minha memória deformante de escritor e as informações que a esse respeito me deram os meus familiares o podem garantir (e até porque se trata de uma página de recordações), tudo se passou como eu o digo. Todos os seus personagens — penso que deles só eu e meus irmãos estamos vivos — agiram e procederam como eu relato.

O sobreiro dos enforcados existiu — e possivelmente existe — algures no Alentejo, a algumas léguas das Alcáçovas, e é certo que nele se enforcaram oito pessoas. Eu mesmo estive junto dele algumas vezes e dei conta, por mim próprio, da sua maligna influência. A história que narro, nesse mesmo conto, sobre o homem que não morreu porque não quis, foi-me contada pelo Carrapeto (nome de fantasia), ou melhor, foi-nos contada por ele, a mim e ao Manuel Ribeiro de Pavia, grande pintor alentejano já falecido.

A oliveirinha que é a personagem principal da história A Árvore Que Morreu de Amor, conheci-a de perto. Nasceu e morreu como eu disse e ainda hoje está viva na minha afeição. A explicação que dou a respeito do seu crescimento e da sua morte pode evidentemente, e com fundamentadas razões, ser contestada e considerada fantasiosa. O que é certo é que tudo se passou objectivamente como eu o relato.

Quanto ao pinheiro das cegonhas, suponho que deve ter sido visto, nas duas fases a que me refiro, por milhares de pessoas, posto que se situa a trinta metros de uma estrada principal, percorrida mensalmente por inúmeros veículos, entre Ferreira do Alentejo e Alcácer do Sal, mais propriamente entre o Torrão e esta última localidade. E também é certo que um biólogo norueguês se interessou por ele.

Uma coisa me resta a dizer. É que com este livro eu não quis provar nem demonstrar seja o que for. Como sei que vivemos num universo cumulativamente lógico e ilógico, em que todos os grandes problemas estão por desvendar, desde a origem da vida até à sua razão de ser, pretendi apenas afirmar o meu amor pelas coisas da natureza e, se tanto me fosse possível, incuti-lo naqueles que me lêem.

ÍNDICE

O DESTINO E A AVENTURA (1971)

O Canteiro de Estremoz	13
O Senhor Engenheiro	37
A Boleia	51
O Gramofone	65

LETÍCIA E O LOBO JÚPITER (1972)

I PARTE

Letícia	139
---------------	-----

II PARTE

O Lobo Júpiter	215
Epílogo	267

O SOBREIRO DOS ENFORCADOS E OUTRAS NARRATIVAS EXTRAORDINÁRIAS (1978)

<i>Uma página de recordações a servir de prefácio</i>	275
O Sobreiro dos Enforcados	283
A Árvore Que Morreu de Amor	303
O Pinheiro das Cegonhas	313
<i>Nota final</i>	325

BIBLIOTECA DE AUTORES PORTUGUESES

OBRAS DE DOMINGOS MONTEIRO

Volumes publicados:

POESIA

ORAÇÕES DO CREPÚSCULO

NAU ERRANTE

EVASÃO

SONETOS

Prefácio de António Cândido Franco

CONTOS E NOVELAS

Vol. I

ENFERMARIA, PRISÃO E CASA MORTUÁRIA

O MAL E O BEM

CONTOS DO DIA E DA NOITE

Prefácio de João Bigotte Chorão

Vol. II

HISTÓRIAS CASTELHANAS

HISTÓRIAS DESTE MUNDO E DO OUTRO

O DIA MARCADO

Vol. III

CONTOS DO NATAL

O PRIMEIRO CRIME DE SIMÃO BOLANDAS

HISTÓRIAS DAS HORAS VAGAS

Vol. IV

HISTÓRIAS DO MÊS DE OUTUBRO

A VINHA DA MALDIÇÃO

O VENTO E OS CAMINHOS

Vol. V

O DESTINO E A AVENTURA

LETÍCIA E O LOBO JÚPITER

O SOBREIRO DOS ENFORCADOS